



Uma em cada cinco universitárias já sentiu algum tipo de pressão sexual

Inquérito online da UMAR foi feito a estudantes, investigadores, professores de Coimbra. Recebeu 500 respostas. Denúncias são residuais e é preciso mais consciencialização, alertam especialistas

Coimbra
Aline Flor

Uma bebida ao balcão, uma companhia indesejada, um comentário inadequado sobre a roupa que traz vestida, alguém que não sai de perto. Um colega que faz um comentário impróprio demasiado próximo do ouvido, quando a reunião é de trabalho. O namorado que não aceita um não quando ambos já estão demasiado embriagados para que as relações sexuais sejam prazerosas – e consentidas. São experiências que fazem parte do quotidiano de estudantes, investigadores, professores e demais pessoas que fazem parte ou têm contacto com a comunidade académica, no *campus* ou nos espaços de lazer. Em particular das jovens mulheres – que são a maioria das vítimas identificadas num estudo da União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) Coimbra sobre assédio e violência sexual em contexto académico, que é hoje apresentado.

Os resultados obtidos neste “estudo exploratório”, com mais de 500 respostas a um questionário online sobre as percepções e experiências sexualmente violentas, confirmam a prevalência de várias situações que as técnicas da UMAR Coimbra já tinham identificado “formal e informalmente” nos últimos anos. Agora, com dados mais concretos sobre as percepções da violência na comunidade académica de Coimbra (77,8% dos respondentes estão ligados à Universidade de Coimbra e 12,2% ao Instituto Politécnico de Coimbra), a prevalência e os contextos onde acontecem, será possível confirmar as prioridades da estratégia de acção do projecto CAMI – Capacitar para Melhor Intervir Localmente, um projecto conjunto entre os núcleos da UMAR de Coimbra e Viseu.

Do que falamos quando falamos de violência sexual? De todo um espectro de experiências sexuais indesejadas, tanto as consideradas mais leves como “o assédio na forma de piropos”, como de experiências sexuais consideradas mais graves, como a violação. Há ainda os casos em que existe manipulação, chantagem ou



As percepções sobre violência sexual na Queima das Fitas também estão a ser alvo de estudo

ameaça: 21,7% das mulheres e 9,3% dos homens respondentes já foram vítimas de alguma forma de coerção sexual – pressão para fazerem algo não consentido de cariz sexual.

Nestes, mais de metade das pessoas que afirmam ter sido vítimas – 59,8% das mulheres e 52,9% dos homens – dizem que os actos foram praticados por parceiros ou ex-parceiros íntimos. Ou agressores dentro do grupo de amigos, para 9,5% das respondentes do género feminino e 11,8% do género masculino.

Violência na academia

Mas também o meio académico pode ser um espaço de violência sexual: 18,3% das mulheres inquiridas afirmaram que foram vítimas de coerção em situações ligadas à academia. Isto é, em rituais académicos (4,1%), grupos culturais ou desportivos (3%) ou comunidades estudantis (4,7%), ou ainda por parte de docentes (1,8%) ou por um superior hierárquico ou colega (4,7%). Mais: 90% das mulheres vítimas de coerção sexual apontaram indivi-

duos do género masculino como os principais perpetradores; e enquanto 87,2% dos homens afirmam nunca ter sido vítimas de uma situação deste género, apenas 68,1% das mulheres dizem o mesmo.

Os homens também são vítimas de violência sexual, mas sobretudo nas formas consideradas “mais leves”, mostram os resultados, como os “toques sexuais indesejados” e “coerção sexual”. Nas formas de agressão sexual mais graves, como tentativas de violação e violações, os dados são residuais.

A situação do bar com que se inicia

A coerção sexual também acontece na academia, em rituais académicos, grupos culturais, desportivos ou comunidades estudantis

este texto é-nos relatada por Ana Beatriz Rodrigues, que acumula o trabalho como técnica da UMAR a tempo parcial e o emprego num bar. Pode parecer inofensiva, mas nesse caso particular perguntou à rapariga se conhecia o rapaz, e este interrompeu-a com agressividade a dizer que não se metesse.

Beatriz conta que o cenário não é incomum, mas intervenções como a sua não são habituais – percebeu que era uma situação crítica, provavelmente, porque tem “o olhar treinado”.

Algumas investidas, contudo, passam despercebidas – são ignoradas ou mesmo normalizadas pelas pessoas à volta, e às vezes pelas próprias vítimas. É uma conclusão das técnicas da UMAR neste estudo, mas também de outras especialistas no apoio a vítimas de violência sexual e outros tipos de violência de género em contexto universitário.

Natália Cardoso, gestora do Gabinete de Apoio à Vítima (GAV) da APAV Coimbra, diz que as sinalizações ao GAV por parte de estudantes

do ensino superior “não têm muita expressão”. Recordando o período em que decorreu o Projecto Unisexo, coordenado pela APAV entre 2011 e 2015, conclui que “os estudantes universitários têm dificuldades em se reconhecerem como potenciais vítimas e também por essa razão não activam estratégias de segurança e de ajuda”. “Situações de violação, assédio sexual e *sexting*” são as mais comuns, mas “o número de denúncias é residual”, confirma também Sofia Neves, investigadora do ISMAI – Instituto Universitário da Maia.

Sensibilização na Queima

Sofia Neves está a orientar uma tese de mestrado sobre percepções sobre a violência sexual no recinto da Queima das Fitas do Porto, que recolheu cerca de 300 respostas na semana depois do evento. Durante a Queima, a investigadora e a equipa da associação Plano i, que lidera, esteve no recinto para sensibilizar os estudantes e fazer o despiste de situações de risco em termos de discriminação LGBTI (lésbicas, gays, bissexuais, transgénero e intersexo) e da violência no namoro, no âmbito dos projectos Centro Gis e Uni+, respectivamente.

No recinto, “situações de assédio sexual parecem ser as mais comuns, embora também haja relatos de casos de violação”, relata. E existe alguma promoção deste tipo de comportamentos? “Toda a cultura da legitimação da violência sexual é, em si mesma, incentivadora das práticas de violência”, alerta, acrescentando que “não há, na generalidade, a consciência da gravidade de tais mensagens, uma vez que elas estão perfeitamente naturalizadas”.

Também através do contacto com vários estudantes durante o projecto Unisexo, Natália Cardoso diz que “foi possível perceber que estes não reconhecem as mensagens objectificadoras das mulheres como incentivadoras da violência de género”. Isto mostra que é preciso uma aposta na prevenção, assim como a “activação de estratégias de ajuda e eventual denúncia às autoridades”.

aline.flor@publico.pt



Edição Lisboa • Ano XXIX • n.º 10.259 • 1,20€ • Quarta-feira, 23 de Maio de 2018 • Director: David Dinis Adjuntos: Diogo Queiroz de Andrade, Tiago Luz Pedro, Vítor Costa Directora de Arte: Sónia Matos

Público

Documentário
Eduardo Lourenço foi filmado a passear na sua própria cabeça
Cultura, 30




Coimbra
Uma em cada cinco universitárias já sentiu algum tipo de pressão sexual
Sociedade, 14

Manifesto
Ministro junta-se aos cientistas que pedem mais estabilidade para a Ciência
Ciência, 19

Ciência, 19

Escolas chumbam novos currículos apresentados pelo Governo

Órgão que representa directores critica e considera “desnecessário” aumento do número de disciplinas no básico • Diploma vai impor muito do que está consagrado no projecto de flexibilidade, quando a adesão foi apresentada como voluntária **Sociedade, 18**

“Mercado português vai ser invadido pela construção espanhola”

António Mota Presidente da Mota-Engil garante, em entrevista, que o *boom* no mercado imobiliário ainda não acabou **Economia, 22 a 24**

Zuckerberg foi a Bruxelas pedir desculpa e pouco mais

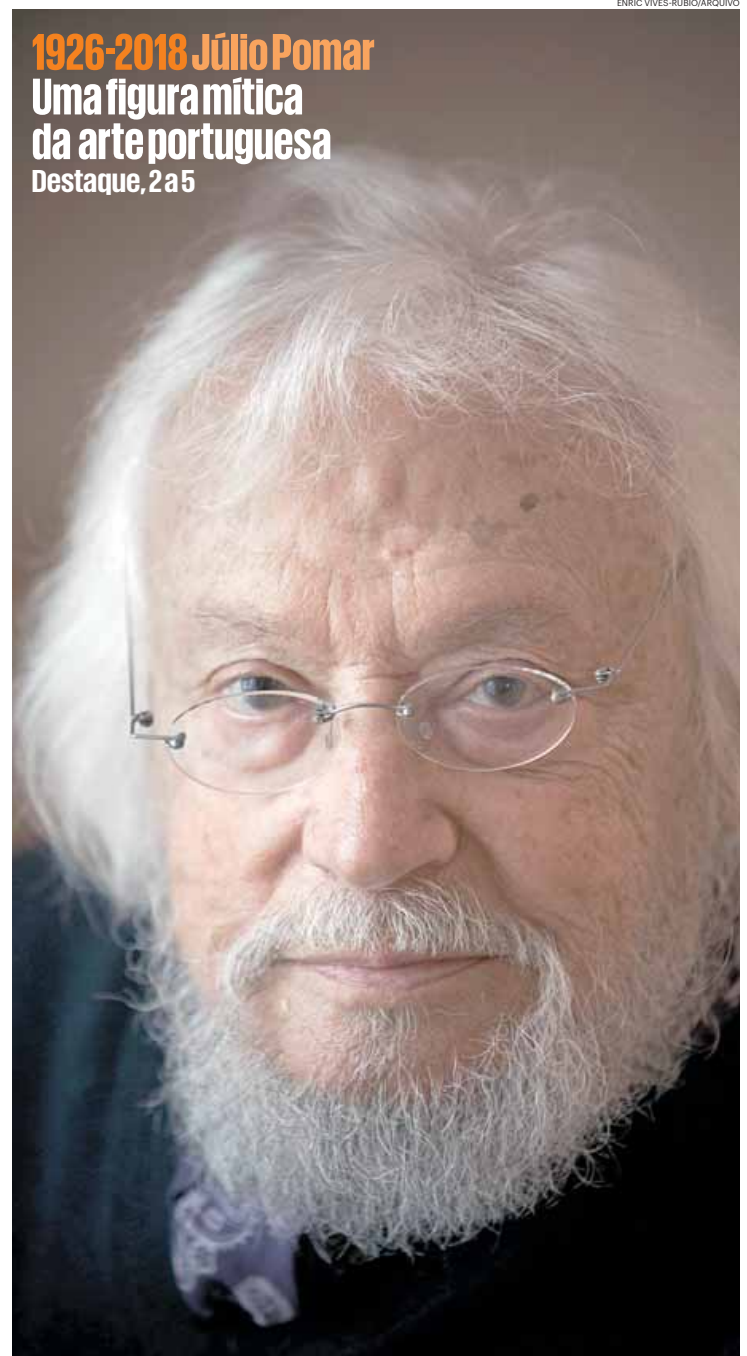
Presidente do Facebook esteve no Parlamento Europeu numa audiência muito criticada **p6/7**



“Não quero chegar a uma sombra do que fui, vegetar”

Entrevista Júlio Machado Vaz garante que não tem medo de morrer, mas de “estragar” o fim da vida **p12/13**

1926-2018 Júlio Pomar
Uma figura mítica da arte portuguesa
Destaque, 2 a 5



ENRIC VIVES-RUBIO/ARQUIVO

ISSN-0872-1548